

O sítio do Peso 1 (Mombeja, Beja) Resultados Preliminares

Hélder Carvalho¹, Javier Larrazabal² e José António Pereira³

RESUMO

Este trabalho pretende dar a conhecer de forma preliminar os resultados da intervenção arqueológica realizada no sítio do Monte do Peso 1 (Mombeja, Beja), da responsabilidade da empresa NOVARQUEOLOGIA, Lda. e enquadrada no âmbito dos *Trabalhos de Minimização de Impacts sobre o Património Cultural do Troço de ligação Pisão-Beja*, obra promovida pela empresa EDIA – Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, S. A.

O sítio localiza-se a 4.83 kms a Norte da *villa* de Pisões e a 4.20 kms a Noroeste do sítio de Represas. A área intervencionada corresponde a um corredor de cerca de 8 metros de largura e 100 metros de comprimento, muito alterada pelos trabalhos agrícolas, e onde a intervenção permitiu identificar, entre outros, parte de um edifício

termal com quatro compartimentos, incluindo duas salas com *hypocaustum* nas que se conservam a base e o arranque de seis arcos em cada uma delas.

Além do edifício termal, destaca-se a descoberta de algumas estruturas, provavelmente de apoio agrícola a julgar pela ausência de pavimentos, e restos de um forno destinado à elaboração de cerâmica de construção.

Do conjunto artefactual destacamos os abundantes e diversos materiais recuperados nos níveis de aterro escavados junto do edifício termal, em que sobressai a presença de *Terra Sigillata* Gálica e Hispânica, cujo estudo tem permitido a caracterização e aferição cronológica da estrutura.

ABSTRACT

This work intends to show the results of a preliminary archaeological intervention at Monte do Peso 1 (Mombeja, Beja, Portugal), the liability of the NOVARQUEOLOGIA Ltd. and framed in the context of work Minimization of Impacts on Cultural Heritage Stretch the connection

Piso-Beja, the work promoted by the company EDIA - Enterprise Development and Infrastructure Alqueva, S. A.

The site is located 4.83 km north of the Pisões *villa* of floor and 4.20 kms northwest of Represas site. The

1 - Arqueólogo, NOVARQUEOLOGIA, LDA., hcarvalho@novarqueologia.pt;

2 - Arqueólogo, NOVARQUEOLOGIA, LDA., jlarraza@gmail.com;

3 - Arqueólogo, NOVARQUEOLOGIA, LDA., japereira@novarqueologia.pt;

project area corresponds to a row of about 8 meters wide and 100 feet long, much altered by agricultural work, and where the intervention identified, among others, part of a termal building with four compartments, including two rooms with hypocaustum that are preserved in the basis.

In addition to the termal building, there is the discovery because a few structures, probably of agricultural support

judging by the lack of pavements, and the remains of a kiln for the preparation of construction ceramics.

From all we highlight the artefactual material recovered abundant and diverse in the levels of landfill excavated from the spa building, which stands in the presence of Gallic and Hispanic Terra Sigillata, whose study has allowed the characterization and measurement of the chronological structure.

ENQUADRAMENTO

O sítio Monte do Peso 1 localiza-se no limite administrativo das freguesias de Mombeja e São Brissos, concelho e distrito de Beja, numa zona de cultivo de cereal característica da paisagem agrícola envolvente à cidade.

A intervenção arqueológica efectuada no sítio decorreu da implementação de trabalhos de minimização dos impactes sobre o património cultural no âmbito do projeto de construção do Troço de ligação Pisão-Beja (concelho de Beja), integrado no Sistema Global de Rega do Alqueva.

Este troço Pisão-Beja tem a sua origem ao quilómetro 35 da Ligação Pisão-Roxo e engloba infraestruturas de transporte e armazenamento de água destinada aos Aproveitamentos Hidroagrícolas de Beja-Beringel e

de Cinco Reis-Trindade e Chancuda, ambos os dois situados a Oeste da cidade de Beja.

A empresa NOVARQUEOLOGIA, Lda. responsabilizou-se pela realização de diversos trabalhos no âmbito desta empreitada quer em fase prévia à obra quer durante a obra, entre eles a prospecção sistemática do traçado da conduta e a realização de diversas sondagens arqueológicas de diagnóstico em vários pontos a afectar pela obra.

De facto, o sítio foi detectado na sequência da referida prospecção sistemática de superfície, evidenciando-se através da presença de uma grande mancha de materiais arqueológicos, na sua maioria cerâmica de construção (*tegulae, lateres e dolia*), que apontava para a existência na zona de um habitat de cronologia romana.

TRABALHOS REALIZADOS

A primeira fase dos trabalhos arqueológicos consistiu na realização de uma prospecção sistemática em toda a extensão do troço de obra, da que resultou a detecção junto das antigas estruturas do Monte do Peso de uma significativa mancha de materiais de cronologia romana, dispersos por uma vasta área que atingia mais de 100 metros de comprimento no futuro corredor da conduta.

Num segundo momento foram abertas 10 sondagens arqueológicas manuais das quais resultou a confirmação da existência de contextos arqueológicos preservados

no subsolo, nomeadamente estruturas arqueológicas atribuíveis ao período romano que justificaram a realização de uma nova fase de trabalhos através do alargamento em área de algumas destas sondagens. Por último decidiu-se pela decapagem mecânica das terras de lavra em toda a extensão do corredor da vala da conduta, e na consequente escavação dos contextos arqueológicos ainda preservados. Os trabalhos arqueológicos das várias fases decorreram com interrupções entre Junho e Setembro de 2010.

RESULTADOS

a) Breve análise das estruturas exumadas

O sítio do Monte do Peso 1 situa-se nas proximidades de duas linhas de água, numa zona de encosta suave, típica da pene planície alentejana, numa altitude a rondar os 200m. A sua litologia integra-se nos conhecidos *Barros de Beja*, de excelentes condições para a prática agrícola.

Sem dúvida, o achado da intervenção que merece maior destaque é um *hypocaustum* em muito bom estado de conservação, pertencente a um conjunto termal do que se conserva quase a totalidade da sua planta, exceptuando alguns metros que ainda devem subsistir para além do limite Este da vala para a implantação da conduta de rega. Os níveis preservados correspondem quase em exclusivo às áreas de trabalho e manutenção daquela estrutura. Quanto aos vestígios dos níveis de circulação, são quase inexistentes, exceptuando-se alguns destroços (*opus signinum*) localizados nos níveis de abandono.

Para além do edifício termal, foram detectados dois conjuntos de estruturas e um pequeno forno provavelmente destinado à elaboração de cerâmica de construção. Os primeiros são constituídos por simples alinhamentos de pedra, em ocasiões apenas uma fiada, sem vala de fundação e total ausência de tratamento cuidadoso nas suas faces. Quanto ao forno, de planta quadrangular, restam só escassos centímetros das paredes exteriores, implantadas sobre um pequeno rebaixe talhado no afloramento calício, o arranque dos arcos e o corredor do *praefurnium*.

Foram ainda identificadas várias estruturas negativas/fossas, entre as que se encontram dois silos calcolíticos, um grande aterro ou lixeira de época alto-imperial claramente relacionado com a fundação/ocupação do edifício termal, e alguns valados e fossas datáveis também do período romano.

As características principais que definem o sítio (local da implantação, estruturas detectadas, materiais exumados), incitam a interpretar todos estes vestígios como pertencentes a uma provável *villa* de ocupação dilatada. Contudo, não queremos deixar de apontar que se trata de uma interpretação hipotética, reduzida à limitada visão facultada pela área escavada, que deverá complementar-se no decorrer de futuros trabalhos arqueológicos.

Parece-nos oportuno recordar aqui que a difusão na civilização romana da prática de banhos foi herdada da cultura grega, sendo que conheceu uma maior expansão e desenvolvimento a partir do séc. I d.C. As termas, de carácter público e/ou privado e implantadas tanto nas *urbs* como nas *villae*, eram erigidas para proporcionar bem-estar e prestar cuidados ao corpo, sendo constituídas por espaços fechados que correspondiam a zonas de banhos quentes e frios, zonas de massagens e a vestiário. Nalguns casos eram também dotadas de espaços abertos, como as *palestras*, onde se fazia exercício físico, e as *natatios*, verdadeiras piscinas exteriores. É claro que todo este esforço construtivo, destinado à ereção de um edifício de funcionalidade lúdica, devia estar orientado ao usufruto só daqueles que tivessem uma reconhecida condição social (MARTINS, 2000).

Esta técnica de aquecimento das salas situadas nos níveis de circulação implicava a construção prévia de amplas câmaras subterrâneas (*hypocaustum*), vãs, sob os pavimentos dos edifícios, por onde circularia o ar quente produzido no contíguo *praefurnium*, consistindo às vezes numa simples abertura rasgada na parede ou num pequeno corredor onde se localizava também a caldeira que aquecia a água para o banho.

No caso do Monte do Peso 1, o conjunto termal resulta de dimensões modestas (50 m² no conjunto dos 4 compartimentos) e é constituído apenas por estruturas correspondentes às salas fechadas, não tendo sido detectados até ao momento quaisquer indícios de espaços exteriores anexados (ainda que, como dito, esta aparência possa ser na verdade o resultado das reduzidas dimensões da intervenção arqueológica). A presença de duas salas de aquecimento contíguas (*hypocaustum*) não deixa margem de dúvidas quanto à catalogação termal do edifício, que, por outro lado, ajusta-se plenamente às regras vitruvianas que regiam a construção deste tipo de estruturas: orientação NO-SE, dimensão e disposição da estrutura e materiais e técnicas utilizadas (VITRUVIO, 2006).

Em linhas gerais, o edifício termal do Monte do Peso 1 é constituído por quatro compartimentos dotados de robustas paredes de *opus incertum* de 70 cm de espessura. A construção do *hypocaustum* requereu o

prévio rebaixamento da superfície no maleável substrato calício da zona, de forma mais funda quanto mais para o Sul, onde a topografia ganha altitude. Sobre este amplo rebaixe, foi levantado nos dois compartimentos centrais a *suspensurae* do *hypocaustum*, conformada por *pilae* de *lateres* e por arcos rebaixados de tijolos pentagonais.

O compartimento 1 do edifício, junto do limite Este da escavação da conduta, foi o que menor área escavada oferece do conjunto. Ainda assim não parece arriscado propor que se deve tratar do *praefurnium* das termas, ligado através de uma abertura simples com o imediato *hypocaustum*. A comparência no compartimento de uma estratigrafia diferente daquela que foi detectada nas duas salas contiguas combinado com a ausência de qualquer vestígio de arranque de arcos ou *pilae*, parecem dar crédito à hipótese.

O segundo e terceiro compartimentos correspondem ao *hypocaustum*, dividido em duas salas no nível superior, sendo assim que a primeira delas (Compartimento 2) corresponderia ao *caldarium*, que receberia o calor de forma mais directa, e a segunda (Compartimento 3) identificar-se-ia com o *tepidarium*. Estas duas estâncias apresentam áreas semelhantes (largura interna de 3m e comprimento de 3.30m), e acolhiam, como dito, os restos de uma *suspensurae* composta em cada divisão por 6 arcos construídos com *lateres* quadrangulares e pentagonais sobrepostos, distanciados em intervalos regulares de 20cm. Nos respectivos níveis de colapso/abandono, que selam o espaço rebaixado no afloramento, foram recuperados numerosos restos de *opus signinum*, *imbrex* e *tegula*, resultantes sem dúvida da destruição das estruturas levantadas sobre o piso de circulação.

O quarto compartimento tampouco foi escavado na sua totalidade, sendo que foi parcialmente destruído a Oeste aquando da construção do actual caminho agrícola de acesso à zona em meados do séc. XX. Na sua origem devia medir por volta dos 3.20m largura por 3.70m comprimento, não tinha ligação com o *hypocaustum* e estava carente de *suspensurae*. Por tudo isto, consideramos que não devia tratar-se de uma sala aquecida, pelo que sua identificação com o *frigidarium* das termas parece-nos o mais razoável. A presença de um pequeno fragmento do *opus signinum* ainda *in situ*, e de uma pequena vala paralela ao muro que separa esta sala do *hypocaustum* situado a Este (um envasamento para o exterior do edifício das águas procedentes de uma possível banheira para banhos frios?), parecem sustentar esta conjectura.

Uma das maiores dificuldades deparadas durante a intervenção arqueológica foi aferir a cronologia da fundação desta importante estrutura, directamente assente sobre o rebaixamento efectuado no afloramento calício. Todavia, os potentes depósitos identificados a Norte do edifício, encostados à sua base, com inúmeros materiais datáveis da segunda metade do séc. I d.C./inícios do II d.C. (datas coincidentes com as mostradas pelo espólio procedente do depósito que serve de base ao referido fragmento de *opus signinum* do compartimento 4), parecem orientar decididamente a cronologia da criação do conjunto termal.

A par destas questões, um pormenor observado no *hypocaustum* patenteia a prática durante a sua vida útil de alguma importante remodelação estrutural: com efeito, um simples olhar à *suspensurae* destes dois espaços permite observar que os *lateres bessalis* sobre os que assentam as *tegulae* pentagonais dos arcos, um recurso com maior expressão na região a partir do século III d.C. (Pisões e Rua do Sembrano), apresentam mostras inequívocas de uma maior exposição ao calor do que estes, sugerindo a execução de alguma remodelação arquitectónica deste espaço após o acontecimento de algum episódio crítico no mesmo (um incêndio, um abatimento dos pavimentos?). Porém, dita reformulação não parece ter alterado o originário esquema axial linear de circulação no espaço termal, feito através de uma sucessão entre espaços frios, tépidos e quentes e retorno em forma inversa. O acesso seria efectuado por NO, pelo lado do *frigidarium*, que também poderia ter funcionado como *apodyterium*, ou por qualquer outra estância não detectada durante a intervenção, passando de seguida para o *tepidarium* e depois para o *caldarium*. E por fim, a cronologia apontada pelos materiais recolhidos nos potentes aterros situados a Norte do edifício termal, tampouco discorda em absoluto com a ideia de um balneário originalmente dotado de *suspensurae* de *pilae* e não de arcos, como seria habitual por outro lado nos balneários do séc. I d.C.

Não parece contudo que o edifício mantivesse a sua vigência durante muito mais tempo após dita remodelação. Assim parece depreender-se do estudo dos materiais recuperados nos níveis que amortizam o *hypocaustum*, que não vão aquém do séc. III d.C.

O edifício termal do Monte do Peso 1, instituído nalgum momento avançado do século I d.C., provavelmente em meados/terceiro quartel do século, vem reforçar a ainda pequena lista de exemplares datáveis desta época na Lusitânia (entre eles merecem especial destaque os de

D. Pedro e Pisões, ambos no concelho de Beja, e os de Boa Vista e Monte da Cegonha, em Vidigueira) (LOPES, 2003). No séc. III, muitos dos antigos edifícios termais são abandonados ou reformulados, dando origem a uma nova etapa na que os banhos e os seus edifícios ganham maior expressão, principalmente no âmbito rural, com novas concepções, esquemas funcionais e recurso a novas técnicas e materiais. Novos edifícios são erigidos, muitas vezes arrasando os anteriores, complexizam-se as plantas, cada vez mais variadas, e evidencia-se um decidido interesse pelo desenvolvimento das zonas quentes em detrimento das frias (bons exemplos deste momento são Pisões em Beja, S. Cucufate em Vidigueira ou Cidade das Rosas em Serpa) (LOPES, 2003). No *balnea* do Monte do Peso 1 acreditamos que se encontram representados estes dois momentos, reconhecidos na sua fundação e amortização definitiva.

Sem dados para concluir se o encerramento deste edifício termal derivou ou não na construção de outro, não temos dúvidas pelo contrário quanto à continuidade da ocupação do sítio pelo menos até ao século V d.C., com bastante probabilidade ainda na sua condição de *villa* rústica: com efeito, nesta fase seriam erigidas a Sul do antigo balneário várias estâncias de planta quadrangular, carentes de níveis ocupação mas com características claramente evoluídas. Mais a Sul foram exumados os restos da câmara de combustão de um pequeno forno de planta rectangular (de 3x2 metros), amortizado em meados do século V d.C. e dedicado muito provavelmente

à produção de cerâmica de construção para uso doméstico⁴.

b) Alguns apontamentos sobre o espólio

As escavações realizadas no sítio Monte do Peso 1 proporcionaram um vasto espólio arqueológico, essencialmente cerâmico mas não só, procedente na sua maior parte dos níveis que amortizam o *hypocaustum* da instalação termal e do aterro/lixiera localizado a Norte da mesma (sondagens 1 e 2). As restantes zonas com vestígios, todas elas localizadas mais a Sul, forneceram conjuntos muito mais exíguos e de datações mais recentes.

A excelência do sítio arqueológico -uma provável *villa* rústica-, é demonstrada na presença de materiais de uso tão restrito como estuques pintados, alabastros, vidros, alfinetes e agulhas em osso, numismas, fíbulas em bronze, etc. Mas, como já dito, é sem dúvida o material cerâmico, com cerca de 7000 fragmentos recuperados, o elemento predominante no conjunto e o que nos permite projectar com melhor critério as nossas pesquisas cronológicas. Neste sentido, quase 80% dos exemplares vasculares foram recuperados na zona envolvente ao edifício termal, com especial destaque para o aludido aterro/lixiera, que reúne o 63,73% da amostra. A representatividade no resto das áreas intervençãoadas (sondagens 3 a 9) não supera em nenhum caso o 6% do total.

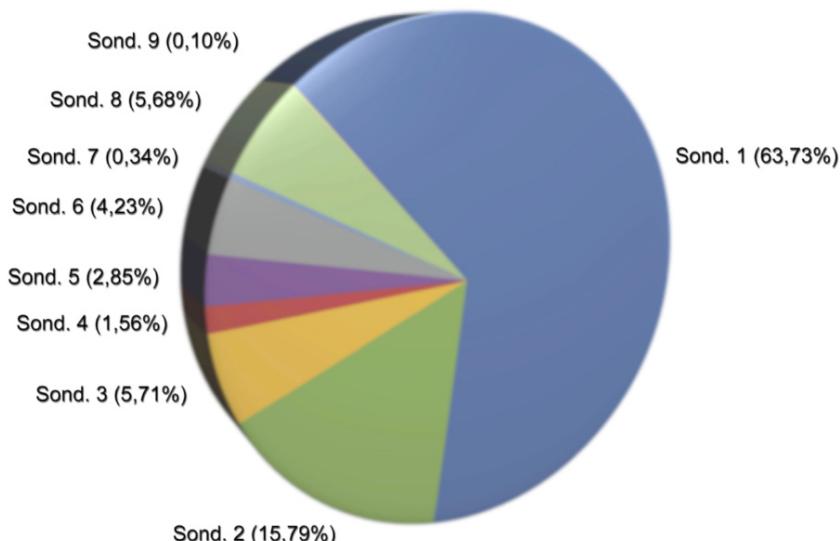


Figura 1: Distribuição estatística do material cerâmico do Monte do Peso 1 por sondagens arqueológicas

4 - Sustenta-se esta hipótese principalmente pela total ausência de qualquer vestígio na intervenção arqueológica que indicie a produção *in situ* de cerâmica, mas também na própria morfologia e dimensões dos restos da estrutura de combustão, que parecem remeter com maior assiduidade para a elaboração de material de construção (DUHAMEL, 1979: pág. 64).

Níveis correspondentes ao aterro/lixiera a Norte do edifício termal

A estratigrafia documentada a Norte do edifício termal (sondagem 1 e restante alargamento em área) parece responder a um processo formativo breve e intenso constituído pela deposição de potentes níveis de terra testos de material arqueológico, destinados provavelmente ao arranjo do espaço exterior daquelas instalações. A análise do material arqueológico não deixou margem para dúvidas acerca dessa conjecturada celeridade da deposição, enquadrada *grosso modo* entre as duas últimas décadas do século I d.C. e os inícios da centúria seguinte. Assim o parece sugerir, por exemplo, a abundante *Terra Sigillata Sudgálica*, na sua maior parte procedente da Graufesenque, ou os não menos numerosos exemplares representativos das primeiras produções hispânicas elaboradas nos alfares do vale do Ebro (com percentagens que atingem os 36 e 61%, respectivamente do total da *Terra Sigillata* recuperada). Nos dois conjuntos é bem patente o predomínio de formas representativas dos momentos cláudio-neronianos (não são excepcionais os exemplares elaborados em pasta marmorizada), que se complementam com outros menos abundantes característicos já da época Flávia (entre as formas lisas abundam as Drag. 15/17, 18, 27, 24/25 ou 35; entre as decoradas, com estilo vegetalista de imitação ou mostrando composições metopadas, encontramos as Drag. 29 ou 30, ausentando-se por completo as taças Drag. 37 em qualquer das suas versões). Todas as lucernas recuperadas neste contexto respondem a modelos decorados com volutas (Deneauve V A e V D), que parecem querer empurrar a formação do depósito até momentos já Flávios. Datas mais antigas são sugeridas, pelo contrário, pelos também numerosos fragmentos de cerâmica de paredes finas, decoradas na superfície com barbotina, *guilhocé* ou grãos de areia (formas 632, 634,

Mayet XXXIV, XXXVII, XXXVIII, XLIII ou L), entre os que se encontram muitos elaborados em pasta de casca de ovo. Entre as ânforas predominam as elaboradas em pastas béticas (80% do conjunto), com as que foram criados perfis dos tipos Haltern 70, Dressel 7-11, 14 ou 20, enquanto que as pastas lusitanas serviram para modelar alguns escassos exemplares de Dressel 14. Entre o material mais fino, incluímos 23 fragmentos da denominada cerâmica bética “tipo Peñaflor”, “hispânicas precoces”, de “verniz vermelho júlio-cláudio” ou “verniz de tradição hispânica”, consideradas por alguns autores como a antecessora das produções da *Terra Sigillata* Hispânica (BUSTAMANTE e HUGUET, 2008: pág. 297). A maioria dos exemplares deverá incluir-se no grupo imitativo da louça de mesa e cozinha (forma Martínez III), que se enquadra cronologicamente na segunda metade do século I d. C., com especial incidência nos seus momentos finais. Também, com características técnicas próprias das cerâmicas finas, inserimos aqui os numerosos exemplares da nomeada cerâmica “cinzenta fina”, “paredes finas lusitanas” ou “pacense” (MARTÍN e RODRÍGUEZ, 2008: pp. 385-386), que respondem à elaboração de peças de perfil globular ou oval, com pescoços curtos e bordos extrovertidos, decoradas em *guilhocé* na pança conformando amplas faixas horizontais. A sua cronologia, ajustar-se-ia à segunda metade do século I d. C., concretamente ao período Cláudio-Flávio, ainda que também possam aparecer de forma residual a começos do século II d.C. Contudo, é a cerâmica comum a produção predominante no conjunto vascular destes níveis, representada, por importância numérica decrescente, pelas tigelas, panelas, pratos, tampas, alguidares, almofarizes béticos, bilhas, jarros de bordos trilobados, potes, potinhos, tachos e terrinas, todos eles com perfis e características técnicas que evidenciam uma indubitável filiação alto-imperial.

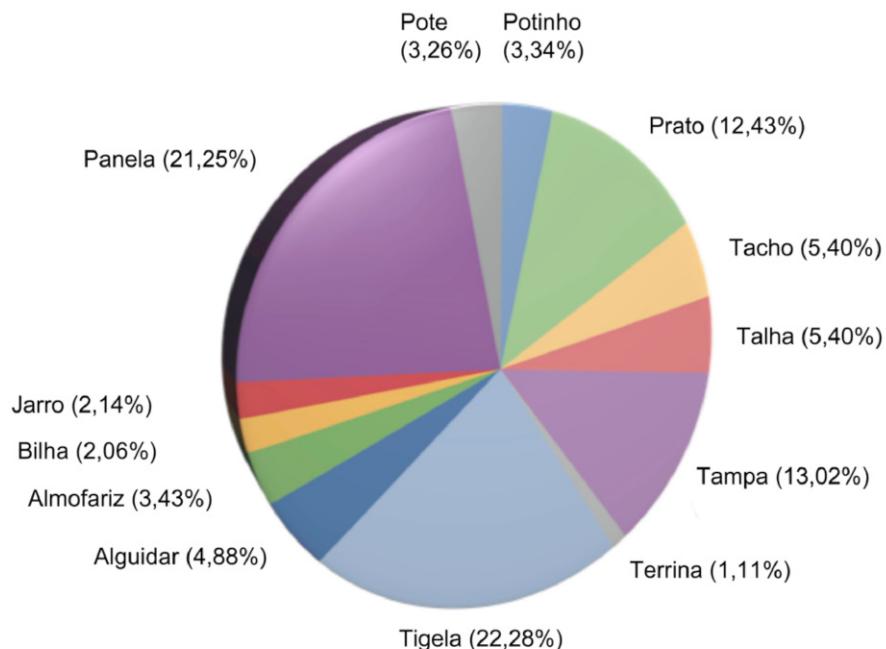


Figura 2: Distribuição estatística das tipologias da cerâmica comum recuperada nos níveis de aterro/lixeria

Reforçando a cronologia alto-imperial sugerida pelas produções cerâmicas, assinala-se por último a exumação de um numisma, um 'as' de Augusto de Colônia Patrícia e de uma fibula tipo Aucissa ou 42b/1c de Ponte.

Níveis do interior do hypocaustum

A análise dos materiais cerâmicos recuperados no interior do *hypocaustum*, com uma representação bastante menor do que a zona anterior (15,79%), partia do pressuposto da existência de três grandes fases na sequência estratigráfica que preenche o espaço. Fases que, *a priori*, parecem retratar três momentos diferentes na vida da instalação: a sua origem, um dos seus momentos úteis (acaso um dos últimos) e a sua definitiva amortização.

A representação da **fase inicial ou fundacional** (Fase 1) é circunscrita ao preenchimento de uma vala localizada junto do muro Oeste do compartimento ocidental (muito provavelmente o *frigidarium* do balneário), que forneceu um pequeno mas significativo conjunto cerâmico idêntico ao recuperado no aterro/lixiera exterior, com presença maioritária de T.S. Sudgálica e, fundamentalmente, T.S. Hispânica precoce. Também outras duas unidades terreas, interpretadas como níveis preparatórios para a colocação neste mesmo compartimento de um

pavimento de *opus signinum*, ajudam-nos a orientar as prováveis datas de construção do balneário: embora as proporções dos exemplares de T.S. Sudgálica e daqueles procedentes do vale do Ebro mantêm as percentagens mostradas por estes mesmos grupos no aterro exterior, algumas das formas aqui recolhidas parecem apontar para datas ligeiramente mais próximas da mudança do século I para o II d.C., e até próprias já das primeiras décadas desta última centúria. Referimo-nos, por exemplo, a um exemplar sudgálico da forma Curle 11 com decoração a barbotina, a vários perfis hispânicos de Drag. 33, a uma amostra da forma Hispânica 10 e a dois da Drag. 37A com decoração de círculos, provavelmente procedentes de Andújar. Para além da *Terra Sigillata* foram localizados nestes mesmos contextos vários exemplares de cerâmica de paredes finas decorados a barbotina, outros de cerâmica “pacense” negra com decoração guilhocé, algum fragmento de ânfora tipo Dressel 14 elaborado em pasta lusitana e inúmeras amostras de cerâmica comum.

A **segunda fase** (Fase 2) é constituída por uns exíguos níveis de natureza carbonosa depositados sobre o piso do *hipocaustum*, que poderiam representar um momento de utilização da instalação, talvez já avançado. Assim parece sugerir o espólio recuperado em ditas unidades, que patenteia uma drástica mudança no consumo vascular com respeito à fase

anterior. É no âmbito da *Terra Sigillata* onde melhor se observa dita transformação, desaparecendo por completo as produções sudgálicas e hispânicas que são substituídas pelas manufacturas africanas A ou C. Não deixam, contudo, de aparecer nestes contextos alguns materiais ainda de datação “antiga”, como várias amostras de paredes finas decoradas a barbotina, dois grandes fragmentos de uma mesma peça de cerâmica tipo Peñaflor correspondente a uma forma Martínez IIb datada do período claudio-neroniano, ou, com maior prudência, algumas ânforas Dressel 14 e 20 elaboradas em pastas béticas.

A última fase (Fase 3), identificativa da amortização do *hypocaustum* e do *praefurnium* do edifício termal, é constituída por vários potentes níveis de terra e entulho que preenchem por completo estes espaços até a cota do nível de circulação do piso superior. A análise do espólio cerâmico procedente destas unidades veio a confirmar as nossas suspeitas sobre a constituição imediata dos níveis da fase anterior e os da definitiva clausura da

instalação termal: excluindo dois exemplares de *T.S. Sudgálica* e um exemplar de lucerna *Dressel-Lamboglia* 14, os restantes materiais revelam uma clara sintonia com os recolhidos nos níveis carbonosos da Fase 2 (no que se refere à *Terra Sigillata* predominam os perfis representativos da *T.S. Africana A* (Hayes 6, 9A, 14B e 31), e em menor medida da *T.S. Africana C* (Hayes 50). Embora ausentes na fase anterior, os exemplares de *T.S. Hispânica* recuperados agora, com pastas de tonalidades alaranjadas e vernizes de pouca qualidade, divergem manifestamente dos localizados na Fase 1, evidenciando uma indubitável maior modernidade. Esta amalgama de materiais antigos com outros sem dúvida coevos do momento do abandono do edifício, evidencia-se também a nível anfórico, comparecendo conjuntamente formas “antigas” (Dressel 7-11, Dressel 14 e Haltern 70), com outras datáveis quando menos desde finais do século II/começos do III d. C. (Almagro 50 e 51C).

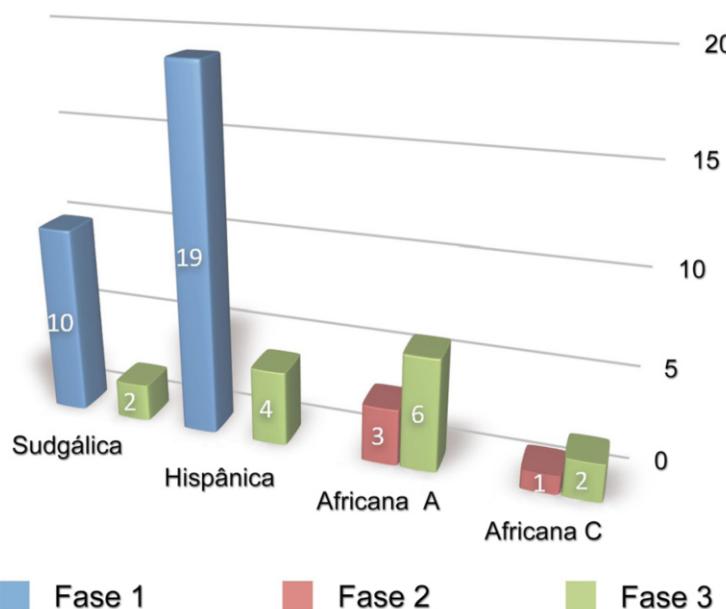


Figura 3: Distribuição dos exemplares de *Terra Sigillata* recuperados no interior do *hypocaustum*

Estruturas tardo-romanas

Como referido, o material cerâmico recuperado nas restantes áreas intervencionadas no sítio do Monte do Peso 1 (sondagens 3 a 9 e respectivos alargamentos em área) foi significativamente mais exíguo (20.47% no total) do que o procedente das duas áreas já abordadas. Aliás, as moderadas concentrações detectadas nas

sondagens 3, 6 e 8, evidenciam uma procedência por completo díspar: enquanto que nas sondagens 3 e 6, os fragmentos cerâmicos foram recuperados principalmente nos níveis superficiais da sequência, os recolhidos na sondagem 8 procedem na sua maior parte dos níveis tardo-romanos que amortizam os restos de um pequeno forno cerâmico de planta quadrangular.

Esta baixa representatividade no que respeita ao

espólio explica-se em parte pelos próprios trabalhos agrícolas desenvolvidos na zona, que em muitos pontos alcançaram o afloramento calço ocasionando a definitiva perda das sequências estratigráficas associadas aos vestígios arquitectónicos (a diferença das sondagens 1, 2 e 8, nas quais a localização subterrânea dos vestígios arqueológicos consentiu a sua preservação). Apesar destas restrições, os trabalhos arqueológicos evidenciaram uma clara graduação das cronologias oferecidas pelos conjuntos vasculares, tanto mais avançadas quanto mais a Sul. Porém, não deixam de surgir nos níveis superficiais materiais residuais de cronologia antiga, entre os que se destacam vários exemplares de *T. S. Itálica*, outros de origem sudgálico ou hispânico alto-imperial, ou alguns exemplares de

ânforas tipo Haltern 70 e Dressel 14.

O grosso do espólio estratificado remarca datas circunscritas entre meados do século II d. C. e finais do IV d.C./primeira metade do V d. C. (*T. S. Africana A* - formas Hayes 6 e 14B - e *Africana D* - Hayes 59-, ânforas tipo Almagro 51C, lucernas de disco). Mas é principalmente nos níveis de amortização do forno doméstico detectado na sondagem 8 onde as datas tardias evidenciam-se de forma mais clara: junto a alguns exemplares claramente residuais de *T.S. Africana A* (Hayes 6), surgem outros característicos das produções de *T.S. Africana D* (Hayes 59, 61 e 67) e ânforas tipo Almagro 51C, que orientam as datas a aplicar ao abandono da instalação para meados do século IV d.C.-meados do século V d.C.

SÍNTESE

A intervenção arqueológica levada a cabo no sítio do Monte do Peso 1 revelou uma inédita ocupação de época romana balizada cronologicamente entre meados do século I d.C. e o século V d.C. O achado destes vestígios durante a fase da obra Troço de ligação Pisão-Beja, com especial destaque para os arquitectónicos, foram deveras surpreendentes, uma vez que nada no terreno parecia pressagiar a existência de tão importantes achados soterrados a escassos centímetros da superfície.

O conjunto de vestígios detectado nos escassos 8 metros de largura da área intervencionada, coincidentes com a dimensão da infraestrutura hidráulica a construir, agrupa as ruínas de um *hypocaustum* correspondentes a uma instalação termal de esquema linear, datável do século I d.C. e amortizada no século III d.C., os restos de um pequeno forno de planta quadrangular, provavelmente destinado à elaboração de material cerâmico de construção para âmbito doméstico e cuja actividade foi abandonada no século V d.C., e várias estruturas de indubitável carácter funcional cuja datação romana não pôde ser aferida devido a uma profunda alteração da estratigrafia associada, mas que provavelmente deverão ser remetidas para época baixo-imperial.

Apesar do restrito registo arqueológico, não nos parece muito arriscado propor que estes vestígios poderão pertencer a uma instalação agrícola, tipo *villa*, de alguma relevância. A presença da instalação termal parece falar nesse sentido bem às claras, mas

desconhecemos, por exemplo, se a sua construção foi posterior ou não à fundação da *villa*. Talvez a presença do aterro/lixiera no exterior do mesmo possa inclinar-nos a considerar a possibilidade real de uma fase de ocupação anterior, ainda não detectada, que desse sentido ao abundantíssimo espólio nele detectado (que poderia recuar até começos de era se validarmos a presença de algumas *T.S. Itálicas* localizadas em níveis superficiais). De qualquer das maneiras, o sítio passa a formar parte do reduzido número de balneários lusitanos datáveis do século I d.C., caracterizados em geral pelos esquemas de circulação muito simples e pela dedicação das suas superfícies principalmente para os espaços quentes. Deve-se salientar também que, antes do definitivo abandono do local no século III d.C., a *suspensuare* do *hypocaustum* sofreu uma profunda remodelação devida talvez ao acontecimento de algum episódio crítico, sendo substituídos os *pilae* de *latterae* por arcos rebaixados de tijolo pentagonal, presentes também em outros balneários da região (Pisões e Rua do Sembrano, em Beja). Desconhecemos, se o abandono do balneário supôs a ereção de um novo edifício com idêntica funcionalidade, mas provavelmente assim aconteceu dado que a ocupação do sítio está testemunhada pelo menos até meados do século V d.C. Confiamos em que futuros trabalhos arqueológicos a desenvolver na zona complementem esta truncada visão de uma estação arqueológica que tanto pode aportar ao conhecimento da ocupação rural no território da *civitas* da *Pax Iulia*.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV.: *Atlante delle forme ceramiche I, Enciclopedia dell'arte antica classica e orientale*, Roma, 1981.
- BOUGEOIS, Ariane e MAYET, Françoise: *Belo VI. Les Sigillées, Collection de la Casa de Velázquez*, Archéologie, XIV, Madrid, 1991.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena e HUGUET ENGUITA, Esperanza: "Las cerámicas Tipo Peñaflor", en BERNAL CASASOLA, D. e RIBERA I LACOMBA, A.: *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Universidad de Cádiz, 2008, pp. 297-306.
- CARRETERO VAQUERO, Santiago: *El campamento romano del Ala II Flávia en Rosinos de Vidriales (Zamora): La cerámica*, Instituto de Estudios Zamoranos "Florán de Ocampo", Zamora, 2000.
- COUTINHO, Helder: *Terra Sigillata Clara do Montinho das Laranjeiras (1990 e 1991)*, Câmara Municipal de Alcoutim, Alcoutim, 1997.
- DUHAMEL, Pascal: "Morphologie et évolution des fours céramiques en Europe Occidentale – protohistoire, monde celtique et Gaule romaine", *Acta Praehistorica et Archaeologica* 9/10 (1978/9), Berlin, 1979, pp. 49-76.
- HAYES, J.W.: *Late roman pottery*, Londres, 1972.
- LOPES, Maria Conceição: A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da "civitas" de PAX IVLIA, *Anexos de Conimbriga*, 3, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2003.
- MARTÍN HERNÁNDEZ, Esperanza e RODRÍGUEZ MARTÍN, Germán: "Paredes finas de Lusitania y del cuadrante noroccidental", en BERNAL CASASOLA, D. e RIBERA I LACOMBA, A.: *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Universidad de Cádiz, 2008, pp. 385-406.
- MARTINS, Manuela: *Bracara Augusta. Termas Romanas do Alto da Cidade*, Braga, 2000.
- MAYET, Françoise: *Les céramiques a parois fines dans la Peninsule Ibérique*, Ed. De Boccard, Paris, 1975.
- PINTO, Inês Vaz: *A cerâmica comum das Villae romanas de São Cucufate (Beja)*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2003.
- REIS, Maria Pilar: *Las termas y balnea romanas de Lusitania, Studia Lusitana*, Ministerio de Cultura, Madrid, 2004.
- RODRÍGUEZ Martín, F. Germán: *Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida)*, Monografias Emeritenses, nº 7, Madrid, 2002.
- SERRANO, Encarnación: "Producciones de cerámicas comunes locales de la Bética", en Roca, M. e Aquilué, X. (Eds.): *Cerámica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió*, Empúries, Museu d'Arqueologia de Catalunya (Monografias Emporitanas, VIII), 1995, pp. 227-249.
- VÁZQUEZ DE LA CUEVA, A.: *Sigillata africana en Augusta Emerita, Monografias Emeritenses*, 3, Mérida, 1985.
- VITRÚVIO: Tratado de Arquitectura, Tradução do latim, introdução e notas por M. Justino Maciel, ISTPress Editora, Lisboa, 2006.

O SÍTIO DO MONTE DO PESO 1 (MOMBEJA, BEJA)
RESULTADOS PRELIMINARES





Taça de Verniz Vermelho de Tradição Hispânica (Sond. 02; U.E. 220)



Fíbula Aucissa (Sond.01; U.E. 102)

**O SÍTIO DO MONTE DO PESO 1 (MOMBEJA, BEJA)
RESULTADOS PRELIMINARES**

